

# BJIR

Brazilian Journal of  
International Relations

ISSN: 2237-7743 | Edição Quadrimestral | volume 12 | edição nº 2 | 2023

*Dos imperativos político-morais da desnaturalização  
dos “Fluxos Migratórios” e da corporificação de quem  
migra andando: visualidades das caravanas na  
américa central*

*Cláudia Alvarenga Marconi; Maria Tereza Ferreira  
Cavalheiro e Maria Thereza Dumas Neto*

 **Igepri**  
Instituto de Gestão Pública e  
Relações Internacionais

 **unesp**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

*A Brazilian Journal of International Relations (BJIR) está indexada no International Political Science Abstracts (IPSA),  
EBSCO Publishing e Latindex*

## **Dos imperativos político-morais da desnaturalização dos “Fluxos Migratórios” e da corporificação de quem migra andando: Visualidades das caravanas na América Central**

### ***On the moral-political imperatives denaturalizing “migrant flows” and the embodiment of the “Walking Migrant”: visualities from central American Caravans***

*Cláudia Alvarenga Marconi<sup>1</sup>; Maria Tereza Ferreira Cavaleiro<sup>2</sup>;  
Maria Thereza Dumas Neto<sup>3</sup>*

---

**Resumo:** A naturalização do Estado e de suas fronteiras e, por consequência, das migrações, tratadas como fluxos fluídos, resultam em uma noção de inevitabilidade desse imaginário político objetivamente fronteirizado e na descorporificação de quem migra. Essas duas naturalizações se unem no processo em que a criação de infraestruturas aplicadas às fronteiras resulta, por sua vez, em um regime de mobilidade profundamente desigual. É possível dizer que os fluxos migratórios, ao serem compreendidos como tal, ocultam certos corpos e as formas como toda uma geoinfraestrutura os afeta não uniformemente. O presente artigo se propõe a adotar uma visão corporificada da migração, centrada nas travessias andadas migrantes, a fim de compreender como a chamada “crise migratória”, tida como ameaça à

---

<sup>1</sup> Professora na Graduação em Relações Internacionais e do Quadro Permanente do Mestrado Profissional em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais da PUC-SP. É também Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (UNESP/UNICAMP/PUC-SP). Atua ainda como professora da Graduação em Relações Internacionais na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP) e é Titular da Cátedra Jean Monnet de Estudos Europeus pela mesma instituição. Co-Secretária da English School Section da International Studies Association (ISA). Sua agenda de pesquisa aborda a temática da governança global dos direitos humanos, processos migratórios, mecanismos de justiça internacional e transicional, assim como os debates teóricos da Escola Inglesa e da construção de pontes entre a Teoria das RI e a teoria política internacional.

<sup>2</sup> Mestra Profissional pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Governança Global e Formulação de Políticas Internacionais (PUC-SP). Graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2018). Tem experiência na área de Ciência Política, com ênfase em Relações Internacionais, Bilaterais e Multilaterais. Interesse no estudo de lentes de gênero dentro das Relações Internacionais, com foco para a violência de gênero dentro da América Latina. Colaborou em um capítulo do livro *Crise das democracias Liberais: um olhar internacional a partir do Sul Global* (2021). Contribui com a pesquisa sobre violência política de gênero contra mulher no relatório do Observatório de Violência Política contra Mulher da Transparência Eleitoral Brasil.

<sup>3</sup> Mestranda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Bacharel em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2019), com pesquisa em que desenvolveu intersecções entre os conceitos de espaço e soberania. Atualmente é membro do corpo editorial da revista *Cadernos de Relações Internacionais*. Colaborou em um capítulo do livro *Crise das Democracias Liberais: um olhar internacional a partir do Sul Global* (2021). Tem interesse nas áreas de Teoria das Relações Internacionais, Filosofia da Ciência, *Science and Technology Studies* e Geografia Crítica. Atualmente estuda a mobilização teórica do Antropoceno nas Relações Internacionais e a sua relação com *Earth System Sciences*.

soberania estatal, advém justamente da erotização desse imaginário político e das tecnologias (re) estruturadas no sentido de mantê-lo. Observando as caravanas andadas da América Central, em *via crucis* para os Estados Unidos, buscaremos conferir visibilidade a aspectos ocultados dessa migração, propondo visualidades mais pluralizadas da atividade de migrar.

**Palavras-chave:** migrações andadas; caravanas; corporificação; visualidades; América Central.

**Abstract:** The naturalization of the State and its borders and, consequently, of migration, which has been framed as fluid and spontaneous flows, culminates in a notion of inevitability of this political imaginary objectively bordered and in the disembodiment of those who migrate. These two naturalizations forgather in the process in which the creation of infrastructures to maintain the border results, in its turn, in a regime of extreme uneven mobility. It is possible to say that migration flows, understood as such, conceal certain bodies and the ways in which a geoinfrastructure affects different bodies in uneven ways. The present article aims to adopt an embodied conceptualization of migration, focusing on the walking journey of the migrant, with the purpose of understanding how the so called “migration crisis”, perceived as a threat to state sovereignty, stems from precisely the eroticization of this political imaginary and the technologies that are (re)structured to preserve it. By looking into the walking caravans journeying from Central America to the United States, our aim is to give visibility to features of this crossing which are usually invisibilized, and bring forth more plural visualities of the migration practice.

**Key-words:** “walking migration”; caravans; corporification; visualities; Central America

## Introdução

Em linhas gerais, é possível afirmar que a disciplina de Relações Internacionais (RI) nasce da noção de Estado tomado como uma unidade fechada e independente, de modo que a organização espaço-temporal da política internacional sob a forma do Estado moderno aparece como um dado natural e inevitável da vida moderna (Walker, 1993).

As fronteiras, por sua vez, delimitam os contornos do internacional ao passo que são inscritas e reinscritas pelos atores estatais para constranger movimentos de corpos – ocultados por massivas representações cartográficas que traduzem os fluxos migratórios em setas unidirecionais e que em muito escapam das sinuosidades do caminhar migrante<sup>4</sup> – que, teoricamente, colocariam em risco a assumida integridade do Estado territorial, justificando, por vezes, o tratamento da migração como uma ameaça internacional.

Clamando por um nexos tempo-espaço e paisagem, para além do que o corte da macro-política internacional nos oferece, a fim de pluralizar a compreensão das ditas migrações contemporâneas,

---

<sup>4</sup> Debate central a esse respeito é feito por Lacy; Van Houtum (2020).

recorremos nesse artigo a um olhar sobre as “[...] everyday and embodied experiences of displacement” (Ehrkamp, 2017, p.1) tornando possível desmontar um segundo sentido – para além do de ameaça – também profundamente uniformizador da migração: o de vitimização dos migrantes.

Nesse sentido, negamos a passividade a que esses grupos são reduzidos e buscamos revelar neste artigo, por visualidades mais plurais das migrações “caravaneadas” da América Central, um poder de agência de quem migra. Ancorar esta reflexão nas trajetórias andadas nos possibilita, desse modo, conferir contornos específicos simultaneamente às formas de vulnerabilidade e de resistência corporificadas daqueles que migram para e nas América, sobretudo, por meio das caravanas.

De um lado, o tratamento da vulnerabilidade como categoria política requer que assumamos tanto a corporificação da vulnerabilidade<sup>5</sup> e que aponta para o fato de que os nossos corpos estão sujeitos a uma série de danos, sejam eles biológicos ou mesmo oriundos de externalidades. De outro lado, as dimensões situacional e contextual da vulnerabilidade e que conferem a ela movimento e dinamismo, apontando para a propensão a falhas que possam ocorrer ao longo dos relacionamentos e interações sociais e que podem agravar danos a que se está sujeito ou mesmo evidenciar a precariedade social e a suscetibilidade de certas vidas a políticas que passam longe de serem garantidoras de direitos e prolongadoras da vida.

No que tange à resistência, as caravanas também são uma representação potente do que os ditos “corpos em aliança”, em referência à mesma Judith Butler (2018, p.15), são capazes de provocar, pactuar e visibilizar, reforçando o sentido de agência supracitado:

“[...] agir em concordância pode ser uma forma corporizada de colocar em questão as dimensões incipientes e poderosas das noções reinantes da política. O caráter corpóreo desse questionamento opera ao menos de dois modos: por um lado, contestações são representadas por assembleias, greves, vigílias e ocupação de espaços públicos; por outro, esses corpos são o objeto de muitas manifestações que tomam a condição precária como sua condição estimulantes. Afinal de contas, existe uma força indexical do corpo que chega com outros corpos a uma zona visível para a cobertura da mídia [...]”.

Se o ato de atravessar a fronteira foi historicamente burocratizado de diferentes maneiras, para que a divisão entre o interno e o internacional fosse reforçada, e esse processo determina a forma legítima de atravessar a fronteira e qual sujeito tem o direito de realizar essa mesma travessia (Doty, 2014), é também evidente que, paralelamente a essa burocratização, os migrantes vão traçando novas

---

<sup>5</sup> Para uma discussão aprofundada sobre a vulnerabilidade corpórea e seus sentidos ontológico e situacional, ver Butler (2015).

estratégias de *walkscapes*<sup>6</sup>, desafiando os obstáculos postos e por vezes criando e recompondo uma paisagem migratória.

Os migrantes estariam ameaçando a própria existência do Estado Moderno ao questionar a fronteirização do espaço por meio da travessia não legitimada pela burocracia estatal. A mobilidade não-legítima, nesse sentido, seria necessariamente oposta ao Estado, de forma que o modo lógico de impedi-la seria por meio de políticas de imobilização. Entretanto, em uma análise mais cuidadosa, vê-se como a narrativa de crise e a própria ideia da migração indesejável justificam a adoção de infraestruturas capazes de expandir a linha da fronteira em zonas e regiões onde pessoas podem residir (Paasi, 2009). Isso porque o enquadramento de uma questão sob a forma de crise justifica uma intervenção especial para sua resolução. Em outras palavras, uma crise é considerada “[...] an emergency that requires intervention from a specialist” (Davies, 2014, p. 390).

E no caso de gestão das fronteiras e da mobilidade, o Estado é considerado o especialista a ser chamado. Assim, a crise migratória, bem como a preocupação com mobilidade tomada como não legítima, cria, no geral, uma margem para a “inovação” do Estado, que desenha políticas de reforço de seu controle sobre o espaço, chegando a instaurar uma mobilidade forçada e conveniente, marcada por espaços de contenção e infraestruturas que delimitem uma movimentação árdua, exaustiva, e de um morrer cotidiano de quem faz uma travessia sem qualquer perspectiva de chegar.

O contraste entre essa mobilidade marcada pela “política de exaustão” (Guild e De Vries, 2019)<sup>7</sup> e uma movimentação fácil entre fronteiras, experimentada por estratos específicos da população mundial, tornou-se importante objeto de estudo, marcado pelo conceito de mobilidade desigual (*uneven mobility*), desenvolvido e definido por Mimi Sheller (2015, p.2, mantendo o grifo da autora):

“Uneven mobility, in this view, refers first to a *sovereign terrain for movement* in which there are spatial designs, physical infrastructures, and symbolic impediments creating divergent pathways, differential access, and control architectures for partial connectivity and bypassing; second, it refers to the means or modes of movement that have a greater or lesser degree of ease, comfort, flexibility, speed, and safety, and thus signals *the disciplining of mobile subjects* through affective experiences of moving with more or less friction, noise, danger, fear, or turbulence; and third, it refers to the institutional apparatus and communication media that produce *knowledge of such relations of mobility and immobility*, speed and slowness, comfort and discomfort, security and risk”.

---

<sup>6</sup> Termo aqui emprestado e adaptado de toda uma literatura que explorou como a errância foi determinante para que uma paisagem mais pluralizada e certas dimensões invisibilizadas da cidade pudessem vir à tona. Cf., por exemplo, Careri, F. (2002).

<sup>7</sup> Esse conceito será oportunamente tratado na Seção 3 do presente artigo.

Essa visão parte do princípio de que as fronteiras não podem ser analisadas em termos dicotômicos, estando, por exemplo ou abertas ou fechadas, mas que sua permeabilidade depende do indivíduo que tenta atravessá-la e da situação na qual isso é feito (Mau, 2010). É dessa forma que alguns corpos têm o acesso a um modo seguro de realizar a travessia, enquanto outros são levados a mobilidades permanentes e perigosas. É também essa mobilidade desigual que traz as caravanas da América Central para o centro das reflexões aqui postas.

A fim de cumprir com o seu objetivo central, o presente artigo, que se propõe a adotar uma visão corporificada da migração, centrada nas travessias andadas migrantes, sob a forma de caravanas saídas da América Central, em *via crucis* para o México e para os Estados Unidos, está dividido em três grandes seções: em um primeiro momento traça-se um quadro das técnicas de governar das migrações contemporâneas pela mobilidade, reiterando a urgência de exercícios contra-cartográficos críticos das migrações, capazes de revelar a sinuosidade e a engenharia tão dinamizadas das travessias migrantes.

Num segundo momento, falamos em termos de potencialização de um regime de mobilidade desigual evidenciado pelas construções infraestruturais que se traduzem em obstáculos para quem migra andando. Dito de outra maneira: faz-se importante partir da premissa de que toda uma geoinfraestrutura do controle da migração pela mobilidade não afeta uniformemente os corpos migrantes, mesmo que esses sigam juntos, em caravana.

Finalmente, em uma terceira seção, passa-se a trabalhar as visualidades das caravanas migrantes da América Central, objeto de nossa investigação, investindo em algumas imagens que podem, justamente, reforçar os aspectos aqui elencados: (i) o dinamismo e as paisagens das formas de migração andadas e (ii) como um regime de mobilidade desigual opera diferentemente sobre os corpos de quem migra, mesmo que na espacialidade aparentemente unificadora da Caravana. Crê-se que essa estrutura de reflexão permitirá que aspectos ocultados da migração contemporânea venham à tona e uma paisagem mais heterogênea do fenômeno migratório também emergja das visualidades pluralizadas da atividade de migrar aqui apresentadas.

## **1. Das técnicas de governar as migrações pela mobilidade à contra-cartografia crítica das migrações**

Evidenciar as técnicas de governar e gerir os processos migratórios por meio da própria mobilidade é importante contribuição dos estudos críticos que compõem o movimento intelectual da

*International Political Sociology* para as Relações Internacionais. Inovando no sentido de apresentar novas formas de *politics* e *policies* – em sua injunção - associadas à migração internacional e que cada vez menos guardam relação com impossibilitar os fluxos, mas sim com gerir as trajetórias migrantes, autores como Guild e De Vries (2019) e Tazzioli (2017) apontam para a importância das espacialidades migrantes enquanto processos dinâmicos em construção e que expressam ora a agência migrante ora a capacidade das técnicas de governamentalidade de diferentes Estados alcançarem e, sobretudo, conterem as trajetórias dos que migram, sem terem de, engenhosamente, assumir quaisquer responsabilidades por essas vidas.

A respeito da gestão da mobilidade por meio da criação de espaços de contenção – e não apenas a reprodução de espacialidades de detenção que em muito reproduzem geografias carcerárias ampliadas e criadas para abrangerem também migrantes -, Tazzioli (2017) sustenta que:

“Unlike detention, containment encompasses a series of strategies for limiting migrants’ autonomous movements, not only by stranding migrants and making them immobile but also keeping them on the move. Through (forced) mobility, I suggest, containment illuminates a triple governmental withdrawal: *not seeing, not dealing with, and not protecting* migrants in transit (Tazzioli, online, 2017, mantendo grifo da autora)”.

Fica evidente o investimento de diferentes atores que buscam gerir a migração por meio do que se denomina *politics of exhaustion*, tal como sugerem Guild e De Vries (2019, p.2157) ao explicitarem um nexos potente entre a política de controle da mobilidade e a dimensão de uma violência estrutural que se demora, é contínua e se reproduz não uniformemente, por meio da inter-relação entre o tempo, o espaço e a paisagem, sobre o corpo daqueles que migram.

Ao ver da presente contribuição, as caravanas migrantes, ao mesmo tempo que representam uma forma de minimizar os efeitos da política da exaustão, ao coletivizar a saga migrante, também são um objeto de estudo e investigação interessante por permitirem que se veja nos diferentes corpos e vidas migrantes nelas inseridos os variados e distintos - sempre perversos - efeitos dessa mesma política da exaustão. Em adição, muitas vezes a própria caravana se comportará como um espaço em que a discriminação também será praticada, uma vez que se tem ali não apenas a identidade migrante refletida, mas tantas outras, sobremaneira as genderizadas.

Outro aspecto importante que as visualidades das caravanas nos permitem retratar<sup>8</sup> é o quanto a política da exaustão não é tão somente desabilitadora do andar migrante, mas é também capaz de

---

<sup>8</sup> Muito embora não se faça aqui um estudo iconográfico e iconológico das migrações andadas por meio e através das Caravanas, é do interesse das autoras avançar nessa direção. Crê-se aqui que uma narrativa construída a partir das migrações andadas pode se estabelecer como uma contra-narrativa diante da iconografia dominante e que se estabelece justamente por meio das imagens que proliferaram na grande mídia sobre os ditos fluxos em massa de migrantes pelas rotas do Mediterrâneo em direção à Europa nos anos de 2015/2016, principalmente.

irromper as paisagens andadas, construindo-as. Em outras palavras, as caravanas sugerem para a importância das paisagens terrestres não como um cenário fixo da migração.

Em um sentido diametralmente oposto ao da paisagem uniformizadora do oceano pela qual as trajetórias migrantes saídas do Norte da África avançam em direção ao Sul da Europa, o andar migrante e o andar coletivo migrante, via Caravanas, permitem-nos refletir sobre um tempo-espaço da migração contemporânea nas Américas que finalmente encontra paisagem, fundindo-se num *tempo-espaço-paisagem* da migração na região e se convertendo em objeto de nossa inquietação intelectual-investigativa.

Todavia, importa dizer que em algumas das tentativas não lineares de se retratar o andar migrante na Europa, as chaves de compreensão vão além das rotas invisibilizadas, naturalizadas e, conseqüentemente, simplificadas pela presença soberana e opaca do Mar, que de modo recorrente impede que os corpos mortos falem através de sua morte<sup>9</sup>.

Estudiosas importantes apontam, por exemplo, para os chamados espaços de trânsito na injunção tempo-espaço-paisagem da migração dentro da própria Europa:

“Spaces of transit are spaces of passage, temporary residence, containment and push-back for people seeking refuge in Europe – both informal (e.g. railway stations, parks and informal camps) and institutionalised (e.g. hotspots, reception centres and detention centres). These spaces vary in character and have changed over time: some are temporary, existing only for a few days or weeks, other spaces persist despite and/or due to migration management practices (De Vries; Guild, 2019, p. 2157)”.

Avançando na compreensão das práticas de criação de fronteiras por parte da Europa e mirando, sobretudo, a condição dos espaços de trânsito carregados de informalidade, tal como faz também Tazzioli (2017), De Vries e Guild (2019) reforçam a simultaneidade da criação e da inviabilização de espaços de trânsito informais migrantes, tal como representado por Calais e que ilustra uma mobilidade adjetivada pelas autoras de *fraturada*:

---

<sup>9</sup> Reflexão importante sobre as possibilidades da morte subalterna falar pode ser encontrada em Rajan (2010, p.117): “Subaltern death, or the dead subaltern, poses questions about the manner of death but also about the meaning of death, a particular death, in a postmortem communication that traverses the boundary between the living and the dead. This is not merely a question of causality (what are the causes of death?) or even of visibility (what are the conditions that make the death of a subaltern woman available for accounting in the archive?); it is a question of the historian’s dependency on the subaltern woman’s death and on death being made to appear as the condition of possibility of the subaltern woman’s emergence into historical discourse”. Paralelo significativo assumimos aqui com a morte migrante subalterna e suas possibilidades de emergir no discurso histórico sobre as travessias. Importa ainda salientar que boa parte da atividade de *mapping* das travessias migrantes, que por vezes sequer se concretizam com vida, aponta para setas maciças, unidirecionais e diretas, redundadas numa cartografia propagandística capaz, por exemplo, de informar e compor políticas externas e moldar a política internacional nessa área (Cf. a esse respeito Lacy; Van Houtum, 2020). Ao nosso ver, a cartografia dominante em torno da temática migratória ofusca, em última instância, a complexidade tanto do morrer – por vezes lento - quanto da morte migrante.



“[...] the area around Calais has a long history of the emergence, existence and destruction of informal settlements, which is directly related to people’s inability to cross the Channel to the UK. The latest settlement emerged in the spring of 2015 and slowly developed into a thriving town with its own infrastructure and facilities, although against the background of a range of increasingly violent bordering techniques, leading to its phased destruction (De Vries e Guild, 2019, pp. 2161-2162)”.

Escapando da realidade de Calais e da rota Franco-Inglesa, Tazzioli (2017) busca compreender as transformações produzidas nas cidades italianas de Como e Ventimiglia, na medida em que elas foram transformadas em *border-zones*: “In these sites, border tactics obstruct migrants’ movements and presence, not by fully stopping them but, rather, by forcing them to follow erratic geographies and to bounce across borders”.

Trata-se de uma política que violenta a vida migrante na medida em que mina, deliberadamente, qualquer possibilidade de chegada sem que se assuma, paralelamente, qualquer responsabilidade sobre esses corpos que perambulam no tempo-espaco-paisagem da precariedade. Ademais, resta ainda evidente que não há qualquer preocupação ético-moral a orientar um reposicionamento das fronteiras, mas tão somente a arbitrariedade violenta de desenhar uma política migratória que desonere os Estados de responsabilidades de qualquer natureza e desorienta ainda mais o já duro andar migrante.

Outro rol, vale apontar, de importantes contribuições para o argumento aqui central corresponde ao circuito de autores que dialogam justamente com as chamadas cartografias críticas das fronteiras, tal como Mekdjian (2015), Cobarrubias (2019) e Casa-Cortes et al (2017), para os quais uma (contra) cartografia que acolha a *reborderização*<sup>10</sup> pode servir mais como ferramenta crítica de compreensão das tramas complexas da mobilidade contemporânea do que reproduzir linhas e escalas que os mapas convencionais tendem a fixar:

“[...] borders are today dominantly theorized as ceaselessly mutating socio-political dynamics liable to multiple interpretations rather than as immovable grid lines: hence the shift from talking about borders – as a noun – to talking about b/ordering – as a continuous verb. This discursive shift in border studies has coincided with a revolution in migration and mobility studies that has become known as the ‘mobility turn’ (Lacy; Van Houtum, 2020, p.199)”.

Entretanto, essa mesma literatura também sugere para o quanto importantes organizações e suas agências de controle migratório – a UE e a Frontex, respectivamente, por exemplo -, têm

<sup>10</sup> Tradução para *reborderization* e que compreende o sentido de fronteiras móveis e também desterritorializadas: “[...] borders are not only found at territorially identifiable sites such as ports, airports, and other traditional border crossings. Instead, they are increasingly ephemeral and/or impalpable: electronic, non-visible and locates in zones that defy a straightforwardly territorial logic” (Parker, Vaughan-Williams Apud Mekdjian, 2015, pp.205-206).

aprimorado suas *mapping practices*<sup>11</sup> no sentido de gerirem as trajetórias migrantes corporificadas de forma “eficiente” e de produzirem sobre uma audiência específica uma percepção uniformizada, por exemplo, da identidade e da ameaça diante da migração não documentada<sup>12</sup>.

Assim, é nosso objetivo mobilizar um *framing* teórico-conceitual crítico para compreender a situação ocorrida desde meados da última década em relação às migrações transcontinentais que se desenvolvem perto da América Central, organizadas no chamado “triângulo do norte”: El Salvador, Honduras e Guatemala, inserindo-as numa cartografia mais ampla e crítica das migrações e conferindo um *zoom* sobre as especificidades das caravanas na produção de um tempo-espaço-paisagem migratório singular.

Vale dizer que a condição de deslocamento forçado nos estados supracitados é mais notória desde outubro de 2018, quando o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e a imprensa informaram que aproximadamente 7.000 pessoas da América Central se juntaram em uma chamada “caravana” e marcharam na direção dos Estados Unidos (Unchr, 2018). Aqui, marcharam não é expressão simbólica: de fato traduz toda a *via crucis* migrante, tal como sugere Pallister-Wilkins (2019) em sua já mencionada abordagem que busca desnaturalizar as travessias migrantes, decompondo-as em sua heterogeneidade, singularidade e interação com a paisagem.

É ainda possível afirmar que ao buscar especificar o processo de busca de asilo para esses imigrantes da América Central, grande parte da mídia estrangeira, ao abordar o processo, revelou que aqueles que viveram esse processo eram famílias ou indivíduos sozinhos, em sua grande maioria homens (García; Agren, 2018; Semple, 2018 e Rojas, 2018). Tal retrato reforça as tendências uniformizadoras e estereotipadoras com que determinados fenômenos são retratados, tais como se quem compusesse o fenômeno migratório e as sociedades das quais vêm fossem homogêneas, e suas escolhas fossem individuais e racionalmente orientadas (Arango, 2000).

Interessante notar, em contraposição ao que fora afirmado, que dentre os primeiros refugiados que chegaram em novembro de 2018 à cidade costeira de Tijuana, México, cerca de oitenta desses indivíduos se classificavam como gays, lésbicas, mulheres e homens trans, além de outras identificações referentes a orientações de gênero e sexualidade fora do suposto padrão heteronormativo, revelando ainda que se somaram às caravanas para se protegerem diante do medo e da perseguição vividos em seus países de origem (Romo, 2018).

---

<sup>11</sup> Casas-Cortes et al (2017, p.4) apontam que os mapas não são uma mera visualidade estática do mundo, mas que a atividade de *mapping* “[...] actively contribute to producing new ways of seeing and being, drawing lines that inscribe a difference, create an identity, and form a boundary”.

<sup>12</sup> Mais detalhes sobre como uma certa política cartográfica é produzida de forma enviesada, ver Lacy; Van Houtum (2020).

Dessa maneira, o estudo das caravanas da América Central em direção aos Estados Unidos nos interessa particularmente por uma dupla ordem de razão apresentada acima e aqui sumariada: (i) permite-nos um olhar corporificado das migrações na medida em que não oculta ou descarta as paisagens andadas da migração. Pelo contrário: revela poder de agência migrante ao possibilitar retratar a interação dos que estão nas caravanas com essas mesmas paisagens. Ademais, (ii) abre a possibilidade de o presente artigo fomentar as ditas cartografias críticas migratórias, permitindo que percursos, rotas, métodos e estratégias tomados como unidirecionais, homogêneos e massivos sejam decompostos e compreendidos mais singularmente no dia a dia das migrações andadas.

### 3. A mobilidade desigual vista por meio das paisagens (geo) infraestruturais

Já mencionamos que um dos aspectos marcantes da mobilidade desigual é o acesso desigual às infraestruturas (Sheller, 2010). Enquanto afirma-se que a modernidade desenvolveu formas mais fáceis, rápidas e seguras de transpor limites espaciais naturais, como estradas, trens e aviões, há sujeitos que não possuem acesso a essas tecnologias (Pallister-Wilkins, 2019). Assim, apesar do aparente “[...] human-technological triumph over space” (Pallister-Wilkins, 2019, p.7), o acesso às infraestruturas de mobilização é bastante restrito.

Mas a questão da mobilidade forçada traz à tona um outro lado da mobilidade desigual: as infraestruturas que prescrevem a viagem e determinam suas rotas. Em outras palavras, além de migrantes não-legítimos não terem acesso às infraestruturas de facilitação da movimentação, esses sujeitos são confrontados com uma série de infraestruturas cujo objetivo é dificultar e materializar a viagem, impactando e sobrecarregando física e emocionalmente os corpos dos migrantes.

É nesse sentido que Pallister-Wilkins (2019) discute o conceito de geo-infraestrutura (*geoinfrastructuring*) ao dialogar com as paisagens das viagens andadas de uma caravana:

“Here, in contrast to modernity’s quest for faster, more convenient, more efficient modes of travel to overcome the limits of the body as it encounters and moves through space, the migrants caravan’s mode(s) of travel - walking, stopping, starting, bus hopping, sitting, waiting, sleeping - bring into sharp relief the ways that for those excluded from privileged mobility regimes, the body is in intimate concert with the material world it encounters (Pallister-Wilkins, 2019, p. 2)”.

Para a mesma autora, a criação desse tempo-espaco-paisagem determinado pelos efeitos corpóreos no migrante envolve tecnologias humanas de securitização somadas e articuladas aos efeitos da natureza. Primeiramente, o processo de “infraestruturação” (*infrastructuring*) é, em si, um processo, em contraste com uma ação única, e que está envolto de práticas sociais de controle (Sheller, 2010).

A própria infraestrutura vai além da tecnologia física que a compõe, constituindo-se em algo dinâmico, marcado pelas experiências que ela propõe (Berlant, 2016 e Shapiro, 2019).

Em termos definicionais, seria “[...] the movement or patterning of social form” (Berlant, 2016, p.393), sendo ainda definida pelo seu uso e dinamismo (Berlant, 2016). Nesse sentido, a construção de uma infraestrutura, que cumprirá com um objetivo político de organização social, sempre emerge de um conflito, e essa mesma infraestrutura sempre é feita com um propósito determinado: ela existe para servir a uma parte da sociedade (Berlant, 2016). Nesse caso, claramente para fazer, em nome de atores poderosos, a “boa e eficiente gestão” dos corpos móveis.

Adicionado às infraestruturas humanas criadas nas jornadas andadas, Pallister-Wilkins (2019) chama atenção para as imposições da natureza. No caso, essas imposições são geralmente comentadas como já dominadas pela humanidade e seu avanço tecnológico, mas aqui elas se mostram ainda como interceptadoras de corpos cujo acesso a tecnologias é negado (Pallister-Wilkins, 2019). Em outras palavras, a geo-infraestrutura classifica um conjunto de elementos espaciais naturais ou feitos pelo homem que demarcam a migração andada tendo consequências corpóreas e materiais por obrigar que o corpo se relacione diretamente com a materialidade natural e fabricada (Pallister- Wilkins, 2019).

Com isso, sucedem-se dois corolários. Primeiramente, a gestão da migração feita por meio da mobilidade forçada não vai de encontro com os princípios teóricos e factuais do Estado Moderno. Apesar de, em um momento inicial, haver a aparência de a mobilidade forçada ser contrária à contenção espacial prevista pelo Estado, a existência da geo-infraestrutura demarca um processo de (re) fronteirização e (re) territorialização que é característico do Estado, agora expandido para além de suas fronteiras lineares.

Isso porque o conceito de território demarca um espaço “[...] capable of being obedient” (DeCaroli, 2007, p. 50) e fronteiras não são mais do que “impositions on the world” (Agnew, 2008, p. 181), de forma que enquanto as geo-infraestruturas construídas e as pré-existentes agem como forma de controle de corpos móveis, elas agem como forma de territorializar novamente o Estado Moderno.

Um segundo ponto trazido no que diz respeito aos conceitos desenvolvidos nessa nova conceitualização da migração é a necessidade de um novo imaginário e imagética acerca da mobilidade, de forma que estudos acerca das visualidades das caravanas da América Central trazem a requerida materialidade e corporificação à viagem andada, assim como apresentam e ilustram certas geo-infraestruturas existentes na viagem andada e que os migrantes terão de ressignificar com vistas a transpô-las.

#### **4. As visualidades das caravanas migrantes da América Central: reclamando um lugar para**

### **a paisagem no nexó tempo-espaço da migração**

A Caravana da América Central, objeto de preocupação central nesse artigo, refere-se ao grupo de migrantes advindos da Honduras, El Salvador e Guatemala que atravessam em direção norte para o México, assim como para os Estados Unidos. Visto por muitos formuladores de políticas migratórias - que precisam defender o imaginário fronteirizado do estado e a norma da vida sedentária - como uma ameaça, especialmente aqueles que atravessam acessos proibidos em seu andar se vêem diante de terem de rotineiramente reconceber a sua travessia.

Como uma estratégia de escape coletivo, as caravanas se tornam o modo mais seguro de migrar andando, já que se apoia numa hipervisibilidade para a sua proteção, impedindo que desapareçam ou mesmo que sejam atacadas diretamente (The Vox, 2018). Para os membros da caravana, as viagens aéreas não são uma opção, já que a mobilidade destes migrantes é irregular e dependente de uma conjunção de infraestruturas construídas pelo homem e estruturas da natureza (Pallister-Wilkins, 2019, p.7). As já tratadas geo-infraestruturas podem dificultar muito a travessia ou, em outros momentos e condições, produzir facilidades (Pallister-Wilkins, 2019, p.12).

Majoritariamente, quem participa das caravanas busca segurança, pois estão sofrendo com a perseguição e a violência de gangues em seus países de origem, especialmente aqueles que compõem grupos específicos, tais como os LGBTs, que são alvos de preconceito e violência direta baseada nesse mesmo preconceito. Ademais, via de regra, em todos os casos, os migrantes afirmam ser atingidos pela instabilidade socioeconômica. Além disso, dentro das caravanas destaca-se uma parte da população mais facilmente assumida como vulnerável, tais como bebês recém-nascidos, crianças, gestantes, idosos e portadores de deficiência (ACNUR MEXICO, 2018).

Acompanhando o itinerário de uma caravana, é notório que além dessas barreiras naturais ou físicas, soma-se o estresse mental e a exaustão física. A exigência sobre o corpo dos migrantes é um dos fatores mais ofuscados nas reportagens. Frente às dificuldades e impossibilidades de passagem, dados os limites físicos dos migrantes, muitos seguem se deslocando a partir de técnicas de *walking* que trazem riscos e efeitos corporificados prolongados. Isso pode se relacionar, por exemplo, com andar em trens de carga - um deles é conhecido como *La Bestia*<sup>13</sup> -, ou entrando em um rio com correntezas fortes, ao mesmo tempo que evitando encontros com as forças de segurança da fronteira, sob o risco de serem aprisionados ou deportados, ou ainda sob o risco de serem mortos por quadrilhas transnacionais que controlam diversos trechos das rotas de migração.

---

<sup>13</sup> *La Bestia*, traduzida como *A Besta*, e assim denominado pelos próprios migrantes, é um trem de carga que atravessa o México em direção aos Estados Unidos. Somente nos telhados das cargas é possível que eles viajem. Apesar de se configurar numa travessia “rápida”, os migrantes estão severamente expostos a danos (Los Angeles Times, 2019).

#### 4.1 Visualidades da política da exaustão

O número de mortes de migrantes dentro do continente americano em 2019 ultrapassou a marca de 500, e metade dessas mortes é registrada na fronteira EUA-México. Os dados são divididos pela causa da morte, e a Organização Internacional da Migração confirma que foram 259 vítimas por afogamentos, como naufrágios no Caribe ou falhas nas travessias dos rios, cerca de 65 de acidentes nas rodovias, cerca de 20 em rotas ferroviárias, por razões de desidratação ou exposição à violência, incluindo homicídio e doença ou falta de assistência médica (DW, 2019).

Logo, para aqueles migrantes que não chegam, seus corpos assumem os contornos da própria paisagem, uma paisagem de morte, sem qualquer conforto para os que ficam para trás, pois sua passagem é invisível e sem ter como marcar de forma mais definitiva a paisagem pela tragédia dessa travessia (Schama apud Baptist, 2010, p. 301), opondo-se, por exemplo, a políticas de memória e tornando-se uma morte esquecida.

A fim de não tratarmos a morte aqui em um sentido apenas quantitativo, propomo-nos a pensar a travessia nas condições exaustivas aqui já apresentadas como uma espécie de política do morrer (*politics of dying*) e o modo encontrado para refletir sobre a mobilidade desigual – e por vezes mortal – da Caravana da América Central é a análise de fotografias que expõem o lado mais invisível desses migrantes, assumindo aqui como se deslocam pelas fronteiras com as suas vulnerabilidades corpóreas.

Diante de reportagens, é possível demarcar os tipos de travessia dessa migração: a travessia pela água, especificamente pelos rios; travessia terrestre, com as técnicas de *walking* mais evidenciadas e, por fim, a construção de mini-grupos, ou mesmo mini-caravanas, por segurança. Esse é o caso da população LGBT, que optou por se deslocar em uma caravana própria.

##### 4.1.1. A travessia e a água

O primeiro tipo de travessia é o deslocamento por água. Os indivíduos se arriscam a atravessar uma barreira natural, tal como um rio. As fotografias sobre essas passagens demonstram a necessidade deles terem de se submeter à força das águas, mantendo seus pertences junto ao corpo, e assumindo que por vezes crianças devem fazer esse percurso nos ombros de seus pais ou parentes (The Straits Times, 2018).

Um dos exemplos é caminhar pelo rio Suchiate, a fronteira natural entre a Guatemala e o México, consequência do enrijecimento do policiamento de outras passagens. Por isso, neste caso, a geografia física implementa mais obstáculos aos migrantes. Na Figura 1, exibida abaixo, uma das famílias, parte de uma das “caravanas”, a maioria hondurenhos, atravessa o rio Suchiate. Destaca-se que mesmo a travessia pela água segue sendo andada:

**Figura 1**



Fonte: EPA-EFE<sup>14</sup>

Outro destaque pela mídia é a travessia pelo Rio Grande, pois é um dos modos mais rápidos para alcançar os Estados Unidos vindo do México. Dado que os pedidos de refúgio se tornaram mais exigentes, os migrantes consideram ser mais prático uma travessia por esse obstáculo, já que dura apenas de cinco a dez minutos. No entanto, devido ao número alarmante de mortes registradas no Rio Grande, os avisos da patrulha da fronteira dos Estado Unidos consideram que é perigoso e deve ser feito com o uso de equipamentos, como coletes salva-vidas, o que reflete que a aparência calma da água é enganosa (Independent, 2019).

Um caso que se tornou marcante pela reverberação midiática, foi a fotografia dos corpos de Óscar Alberto Martínez Ramírez e de sua filha de 23 meses, Valéria, deitada de bruços na margem do Rio Grande (Figura 2). Essa fotografia se torna um ícone regional na medida em que também instaura paralelos visuais com a fotografia que produziu comoção global a partir de uma das principais rotas migratórias do Mediterrâneo em direção à Europa, envolvendo uma criança síria afogada: o caso Aylan Kurdi.

No entanto, importa dizer que os casos de migrantes que se arriscam não é um episódio criado pelas caravanas, evidenciando um histórico anterior de muitas travessias de migrantes para os Estados

---

<sup>14</sup> Esta fotografia foi acessada através do The Straits Times, por meio deste link :<<https://www.straitstimes.com/multimedia/photos/in-pictures-central-america-migrant-caravan>>. Último acesso em: 04 abr. 2020.

Unidos. Este tipo de estratégia ficou mais viabilizada, pois a patrulha de fronteira dos EUA está mais atenta, e em muitos casos, resgata imigrantes neste rio (Independent, 2019).

Figura 2



Fonte: Julia Le Duc/Associated Press<sup>15</sup>

#### 4.1.2. *A travessia e a terra*

Por via terrestre, os obstáculos mais visíveis são os controles humanos, tais como os instaurados pelas polícias de fronteira do México e dos Estados Unidos, que impedem o cruzamento, assim como repreendem violentamente quem o faz (The Straits Times, 2019). Tem-se ainda um conjunto de obstáculos comprovado por testemunhos e relativos à violência de gangues, com a prática de sequestro que exige uma taxa para seu resgate – normalmente por parte da família -, sob o risco de serem mortos (Lens Culture, 2014).

Em virtude dessas ameaças, os migrantes reivindicam e utilizam espaços e sistemas de infraestrutura, tais como estradas, áreas de trânsito, ônibus e caminhonetes para alcançarem o destino desejado (Pallister-Wilkins, 2019, p.12). Estas formas de locomoção embutem o perigo como um fator e que aumenta na medida em que se buscam opções que tornem o caminho mais fácil (Ver Figura 3).

Dentre as assumidas facilidades, está a mencionada 'La Bestia', um trem de carga que atravessa o deserto e a selva, desde o México até a fronteira com os EUA, conhecido por ser uma opção para aqueles que não têm dinheiro e que diminuiria o risco de violência aplicada por grupos criminosos. No entanto, ao mesmo tempo que se configura como uma proteção a esse respeito, os migrantes correm o risco de cair enquanto viajam no topo das cargas, pois as curvas acentuadas e a frenagem súbita não

---

<sup>15</sup> Esta fotografia foi acessada através do The New York Times, por meio deste link: <<https://www.nytimes.com/2019/06/26/us/politics/migrants-congress-border-aid.html>>. Último acesso em: 04 abr. 2020



são incomuns, trazendo como consequência a perda de algum membro ou mesmo a morte (LA Times, 2019).

Figura 3



Fonte: CNS photo/Luis Echeverria, Reuters<sup>16</sup>

#### 4.1.3. A travessia e a identidade

Além de todos esses riscos assumidamente exógenos, mas que claramente se acoplam aos corpos de quem migra, a jornada de alguns migrantes se torna mais difícil mesmo diante da integração a grupos maiores, em caravanas. No caso da população LGBT, a ameaça da violência é maior, conforme aponta o relatório *No Safe Place* da Anistia Internacional: homens gays e mulheres trans, por exemplo, são expostos à violência de gênero e que representa múltiplas formas de discriminação ao longo do caminho, ainda que, ironicamente estejam em busca de proteção acerca dessa mesma forma de violência deixando os seus países de origem (Anistia Internacional, 2017).

Por conta da discriminação, os migrantes viajam com seu próprio grupo, como é o caso de uma mini-caravana que se dispersou de um grupo maior saído da Cidade de México: cerca de 80 migrantes LGBTs chegaram em primeiro na cidade de Tijuana, em frente à fronteira americana (Newsweek, 2018).

O registro da *Associated Press* (2018) também traz essa chamada: a jornada de 50 migrantes LGBTQ que viajam juntos para a segurança de todos, uma espécie de caravana dentro da caravana. E é nesta caravana, com indivíduos maquiados e com roupas coloridas, que a ocorrência de assédio verbal, principalmente de homens, ou mesmo assaltos e outras agressões, é realidade. Ao mesmo

<sup>16</sup> Esta fotografia foi acessada através do American Magazine, por meio deste link: <<https://www.americamagazine.org/politics-society/2018/10/29/humanitarian-groups-us-mexico-border-prepare-migrant-caravan>>. Último acesso em: 04 abr. 2020.

tempo que estão juntos e se protegem, com base em sua identidade de gênero, a sua visibilidade como um grupo que expressa demandas de autenticidade os coloca vulneráveis a ataques (Ver Figura 4).

**Figura 4**



Fonte: Rodrigo Abd/ Associated Press Images

Vale dizer que, para além dessa estratégia de proteção, vê-se também a conformação de uma rede de apoio, um tanto espontânea, com a participação de organizações e agências, organizados por voluntários, que se encarregam de viajar com as caravanas para oferecer apoio conforme forem as suas necessidades (El Tecolote, 2019). Além disso, tem-se disponibilidade de abrigos para os grupos LGBTs, pois os abrigos comuns apontavam ressalvas quanto a recebê-los.

A criação da Casa de Luz, um projeto de abrigo para os migrantes idealizado por três voluntários transformado em realidade no ano passado, tem a intenção de ser inclusivo e um abrigo ao longo prazo para dar tempo para a jornada traumática. É um exemplo de um espaço seguro para os migrantes LGBT, assim como para mães solteiras com filhos pequenos e que seguem junto das caravanas (El Tecolote, 2019).

## **5. Considerações finais**

Pretendeu-se nesse artigo, ao unir duas entradas críticas importantes para a compreensão do fenômeno migratório internacional a partir das RI – a da Sociologia Política Internacional e a das Contra-Cartografias - evidenciar novos nexos tempo-espaco-paisagem da migração a partir de um olhar atento às caravanas migrantes da América Central.

Articulando construtos teóricos ainda novos para essa discussão (*reborderização*, geoinfraestrutura e política da exaustão), o artigo procurou escapar da delimitação europeia do fenômeno, optando por olhar, de um lado, para a não opção de uma migração andada na região da América Central, e, de outro lado, para a escolha por um migrar coletivizado, a princípio, e ainda a escolha subsequente por abandonar uma caravana no contexto em que elas deixam de significar proteção, tal como visto no caso dos migrantes LGBT.

Mesmo diante de tantos obstáculos geoinfraestruturais e vulnerabilidades introduzidas por meio de políticas deliberadamente desenhadas para controlar a mobilidade não impedindo-a, mas gerindo-a pelo movimento, os migrantes identificam e criam margens para determinar a própria travessia. Tem-se, dessa forma, um olhar atento sobre um migrar corporificado e que reclama – mesmo em condições adversas e propositadamente feitas adversas – agência.

Faz-se importante indicar que essas travessias andadas migrantes nos permitiram apresentar novas visualidades migrantes enquanto recurso para dar visibilidade, de um lado, à importância da fronteira corpórea, e, de outro lado, à não homogeneidade do fenômeno, contrariando os principais esforços de *mapping* de grandes institucionalidades internacionais aqui mencionadas.

Buscar apoio numa virada crítica nos e dos estudos migratórios mostrou-se fundamental no sentido de possibilitar novas demarcações, novas cartografias, novas visualidades e, ainda mais significativo, o reconhecimento do poder de agência migrante mesmo a partir de políticas desenhadas não com vistas a facilitar os seus *walkscapes*, mas sim com vistas a ampliar suas paisagens de morte.

## REFERÊNCIAS

ACNUR MEXICO. Situation Update on the 22 November 2018. Online. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/displacement-in-central-america.html>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

AGNEW, J. “Borders on the mind: re-framing border thinking”. *Ethics & Global Politics*, v. 1, n.4, p. 175-191, 2018.

ANISTIA INTERNACIONAL. No Safe Place. Online, 2017. Disponível em: <https://www.amnestyusa.org/wp-content/uploads/2017/11/No-Safe-Place-Briefing-ENG-1.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

ARANGO, Joaquín. Enfoques conceptuales y teóricos para explicar la migración. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, UNESCO, n. 165, pp. 33-47, 2000.

BAPTIST, Karen W. Diaspora: Death without a landscape, *Mortality*, v.15, n.4, p. 294-307, 2010.

BERLANT, Lauren. “The commons: Infrastructures for troubling times”. *Society and Space*. v. 34, n.3, p. 393-419, 2016.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

\_\_\_\_\_. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: Walking as an Aesthetic Practice**. Barcelona: Gustavo Gili SL, 2002.

CASAS-CORTÉS, M; COBARRUBIAS, Sebastian; HELLER, C; PEZZANI, L. Clashing Cartographies, Migrating Maps: The Politics of Mobility at the External Borders of E.U.Rope. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, 16 (1), pp. 1-33, 2017. <https://www.acme-journal.org/index.php/acme/article/view/1094>. Acesso em: 03 de março de 2020.

COBARRUBIA, S. Mapping Illegality: The i-Map and the Cartopolitics of “Migration Management” at a Distance. **Antipode**, 51, pp.770-794, 2019. doi:[10.1111/anti.12512](https://doi.org/10.1111/anti.12512)

DAVIES, Matt. **Is the financial crisis part of everyday life**. Global Politics: A New Introduction, Org. Jenny Edkins; Maja Zehfuss. London, Routledge, pp. 385-404, 2014.

DECAROLI, Steven. **Giorgio Agamben and the Field of Sovereignty**. Giorgio Agamben: Sovereignty and Life. Org. Matthew Calarco, Steven DeCaroli. Stanford, Stanford University Press, pp. 43-69, 2007.

DOTY, Roxanne Lynn. **Why is people’s movement restricted?** Global Politics: A New Introduction, Org. Jenny Edkins; Maja Zehfuss. London, Routledge, pp. 200-219, 2014.

EHRKAMP, Patricia. Geographies of migration I. **Progress in Human Geography**, v.41, n.6, p.813–822, 2016.

EL TECOLOTE. Queer in the caravana: The dangers LGBT migrants face in search for asylum. 7 jun. 2019. Disponível em :<<http://eltecolote.org/content/en/features/queer-in-the-caravan-the-dangers-lgbt-migrants-face-in-search-for-asylum/>>. Acesso em: 2 abr 2020.

GARCÍA, J. A.; AGREN , D. Caravan of 3,000 Central American migrants crosses into Mexico. **The Guardian**, 19 out. 2018. Disponível em:<<https://www.theguardian.com/world/2018/oct/19/mexico-caravan-migrants-prepares-us-border-crossing-latest>>. Acesso em: 03 de março de 2020.

LIND, Dana. The migration caravan, explained. **Vox**. 25 oct 2018. Disponível em: <https://www.vox.com/2018/10/24/18010340/caravan-trump-border-honduras-mexico>. Acesso em: 30 jan. 2020.

MAU, Steffen. “Mobility Citizenship, Inequality and the Liberal State”: The Case of Visa Policies. **International Political Sociology**, v. 4, p. 339-361, 2010.

MCDONNELL, P. As Mexico cracks down on migrants, more risk the dangerous train known as La Bestia. **Los Angeles Times**. Arriaga, México, 2 jun. 2019. Disponível em:<<https://www.latimes.com/world/mexico-americas/la-fg-mexico-la-bestia-20190602-story.html>>. Acesso em: 2 abr. 2020.

MEKDJIAN, S. **Mapping Mobile Borders: Critical Cartographies of Borders Based on Migration Experiences**. Borderities and the Politics of Contemporary Mobile Borders, Org. Szary AL.A., Giraut F. London, Palgrave Macmillan, p. 1- 17, 2015.

PAASI, A. “Bounded spaces in a ‘borderless world’: border studies, power and the anatomy of territory”. **Journal of Power**. v. 2, n. 2, p. 213-234, 2009.

PALLISTER-WILKINS, P. Walking, Not Flowing: The Migrant Caravan and the Geoinfrastructuring of Unequal Mobility. Web publication/site, **Montreal: Society+Space**, 2019. Retrieved from <http://societyandspace.org/2019/02/21/walking-not-flowing-the-migrant-caravan-and-the-geoinfrastructuring-of-unequal-mobility/> Acesso em: 3 mai. 2020.

PEREZ D, Sonia; ABD, Rodrigo. LGBTQ migrants stick together for safety in Migrant Caravan. **Associated Press**, 13 nov. 2018. Disponível em:< <https://apimagesblog.com/blog/2018/11/13/lgbtq-migrants-stick-together-for-safety-in-migrant-caravan>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

- PINDADO, Encarni. The Other Face of Migration: Central American Women. **Lens Culture**. [2014]. Disponível em: <<https://www.lensculture.com/articles/encarni-pindado-the-other-face-of-migration-central-american-women#slideshow>>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- RAJAN, Rajeswari Sunder. “Death and the subaltern”. Can the subaltern speak: reflections on the history of an idea, Org. Rosalind C. Morris. **New York: Columbia University Press**, p. 117-138, 2010.
- REFUGEEES, U. N. H. C. FOR. **UNHCR Global Trends 2018**. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/globaltrends2018/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- ROJAS, A. G. Exaustos e famintos, milhares de migrantes chegam ao México rumo aos EUA “em busca de emprego e segurança”. **BBC News Brasil**, 20 out. 2018. Disponível pelo link :<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45926416>>. Acesso em: 03 de março de 2020.
- ROMO, V. LGBT Splinter Group From Migrant Caravan Is The 1st To Arrive In Tijuana. **NPR News**, Novembro, 2018. Disponível em: <<https://www.npr.org/2018/11/13/667622622/lgbt-caravan-splinter-group-is-the-first-to-arrive-in-tijuana>>. Acesso em: 17 mar. 2020.
- SHAPIRO, Michael J. **Punctuations: how the arts think the political**. Durham and London: Duke University Press, 2019.
- SHEAR, Michael D; DAVIS, Julie H. Photo of Migrants Shocks, but Congress Stalls on Border Aid. **The New York Times**, Washington, 26 jun. 2019. Disponível em:<<https://www.nytimes.com/2019/06/26/us/politics/migrants-congress-border-aid.html>>. Acesso em : 30 jan. 2020.
- SHELLER, Mimi. “Uneven Mobility Futures: A Foucauldian Approach”, **Mobilities**, v.11, n.1, p. 15-31. 2016.
- TAZZIOLI, Martina. Containment through mobility at the internal frontiers of Europe. **Border Criminologies**, 2017. Disponível em: <https://www.law.ox.ac.uk/research-subject-groups/centre-criminology/centreborder-criminologies/blog/2017/03/containment>: Acesso em: 10 de abril de 2020.
- The Straits Times**. In Pictures: Central America migrant caravan. 30 out. 2018. Disponível em: <<https://www.straitstimes.com/multimedia/photos/in-pictures-central-america-migrant-caravan>>. Acesso em: 30 jan. 2020
- VAN HOUTUM, H; LACY, R. B. The migration map trap. On the invasion arrows in the cartography of migration, **Mobilities**, v.15, n.2, pp. 196-219, 2020.
- VRIES, L, A. & GUILD, E ”Seeking refuge in Europe: spaces of transit and the violence of migration management”, **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v.45, n.12, 2156-2166, 2019.
- WALKER, R.B.J. **Inside/Outside: International Relations as Political Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- WRIGHT, Louisa. UN: Migrant deaths in Americas pass 500 in 2019. **DW**, 16 ago. 2019. Disponível em:<<https://www.dw.com/en/un-migrant-deaths-in-americas-pass-500-in-2019/a-50053650>>. Acesso em: 30 jan. 2020.